

CORPO EXPOSTO, O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO E DESEMPENHO HUMANO NA CONTEMPORANEIDADE

Telma Sara Q. Matos¹

RESUMO

Esse ensaio tem como objetivo relatar alguns pontos relacionados aos estudos sobre a Psicologia do Esporte, numa articulação com o papel que desempenha a Psicologia nesse âmbito, no sentido de realizar uma reflexão em torno da tensão do corpo, o processo de esportivização e desempenho humano na contemporaneidade. A noção de corpo pode ser definida como uma imagem externa, percebida como os subsídios expressivos e falantes desse corpo. Perfazendo a vida cotidiana das pessoas, seja de forma direta ou indireta, contemplando um quadro quase de hipnose da plateia expectadora que comparece aos estádios ou arenas, diante ao suor que escorre no corpo atlético devido ao esforço realizado ou mesmo pelos noticiários dos meios de comunicação e midiáticos que evidenciam os corpos esculturais dos esportistas, estudiosos vêm se debruçando sobre as configurações sociais e individuais provocadas pelo esporte como fenômeno de massa, principalmente a percepção do corpo esportivo exposto. O esporte também, de forma singular, possui outra roupagem, sendo essa mais singela, porém constitui um preenchimento da vida social de inúmeras pessoas, pois ao observarmos os finais de semana, identificamos que por meio da prática esportiva, seja para o lazer, seja pelas caminhadas, ciclismo, passeios de skate, patins, de vela ou bicicleta, ou mesmo futebol como prática de lazer, ocorre uma interação popular. E, posto que o crescente ampliar dos encontros, dos lugares percorridos diariamente pelo corpo esportivo, a esportivização da vida social, no tempo em que atenuou algumas diferenças antes muito demarcadas no que se refere ao corpo esportivo, culminou na permanência do “apagamento ritualizado das manifestações somáticas” individuais, autônomas, do sujeito histórico. Esse escandalizar em torno da utilização dos corpos esportivos como vitrines de um ideal corporal pretendido, parece tentar preencher uma larga margem dessa exposição desejável para a indesejável, até o esquadramento e violação desse corpo, das mais variadas formas, como a exigência de constatação de sexualidade, a verificação de drogas no corpo esportivo pelo controle antidoping, dentre outros. São esses paradoxos que se deseja apontar com essas reflexões sobre a tensão do corpo esportivo exposto, é ponderar sobre esse, que ora denota a importância do corpo como sujeito, na sua completude, íntegro, integral, e ora considera esse corpo esportivo como objeto, na busca constante por modelos de corpos propostos, idealizados, impostos e requisitados pela sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Corpo; Corpo exposto; esportivização; Psicologia do Esporte.

¹ Professora Mestre Docente do Curso de Psicologia UEMG/Ituiutaba.

CORPO EXPOSTO, O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO E DESEMPENHO HUMANO NA CONTEMPORANEIDADE

A escolha do tema deste ensaio tem como objetivo relatar alguns pontos relacionados aos meus estudos sobre a Psicologia do Esporte, numa articulação com o papel que desempenha a Psicologia nesse âmbito e posteriormente fazer uma leitura usando a interface da minha própria experiência dentro dessa temática, com uma reflexão em torno da tensão do corpo e desempenho humano na contemporaneidade.

Para tanto iniciarei minhas explicações sobre esse corpo, sobre as contextualizações que autores apresentam sobre esse constructo, para posteriormente, com este pano de fundo, aprofundar sobre esse corpo associado ao esporte, a performance, ao processo de esportivização, assim como o lugar ocupado por aquele na sociedade atual.

Autores como Bakhtin, Foucault, Merleau Ponty, apresentam concepções e reflexões sobre o corpo. Esses corpos, que de acordo com a normalização dos comportamentos e o disciplinamento, refletem e engendram o modo como o sujeito contemporâneo se relaciona e valoriza a si próprio e ao outro.

Para Bakhtin (2009, p. 31), “todo corpo físico pode ser percebido como símbolo”, ou seja, todo objeto ou elemento físico pode consentir relações de sentido. É neste ponto de vista que se pode proferir como Bakhtin compreende o corpo, pois para ele alguns signos são ideológicos e possuem materialidade, sendo a condução da vida interior. Como qualquer outro objeto, o corpo pode ser percebido como signo, pois:

[...] cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. (BAKHTIN, 2009, p.33).

Mediante essas acepções, o autor descreve o corpo como sendo físico, mas que como elemento físico, também é objeto de contemplação, espetáculo, sendo essa contemplação, para Bakhtin (2010a), um procedimento ativo. Ou seja, é o corpo objeto de relações de sentido. O autor também destaca que o corpo é material e discursivo, mas ao mesmo tempo é corpóreo, é singular, e toda essa singularidade perpassa pelo corpo. Ou seja, o corpo é aquilo que consente as experiências essenciais e a minha “atitude avaliativa em relação ao objeto” (BAKHTIN, 2010b, p. 85). É o próprio corpo que comporta a existência da vida interior (BAKHTIN, 2009).

Conforme Bakhtin (2010a), o corpo é a imagem externa, percebida como os subsídios expressivos e falantes do corpo, o subsídio pelo qual observo o interior do outro e retorno a mim mesmo. Para o autor, na década de 50 do século XX, o corpo é ilustrado como objeto de contemplação, como instrumento de disciplinamento e como unidade concreta que integra os sujeitos e que reflete e refrata os signos. Ou seja, não estamos falando apenas de corpos realizando exercícios físicos, mas corpos que são admirados, apreciados, que se interagem de maneira a responder o que lhes é solicitado.

Embora as leituras em Bakhtin permitam certas afirmações sobre a relação entre o corpo e o sujeito, não há dúvida de que Foucault fornece mais subsídios sobre as questões relacionados ao corpo. Foi Foucault quem mais se debruçou sobre estudos e explicações sobre o corpo, na busca por compreendê-lo como parte da constituição do sujeito. Para Le Breton (2010), Foucault pesquisou sobre o controle político sobre o corpo como algo que se exerça de forma difusa, organizando o espaço e o tempo de forma planejada. No entanto, o controle sobre o corpo não é compreendido por Foucault pelo ponto de vista de um controle negativo e repressor, pois o corpo e os discursos sobre ele participam das resistências e permitem ao sujeito se estabelecer ativamente.

Os diversos aspectos pelos quais se concebe esse sujeito representam percepções diversas também sobre o corpo. Para Corbin, Courtine e Vigarello (2010), Foucault compreende o corpo como alvo do poder, sendo normalizado, retificado. Retificação essa que também conduz a consciência à sua normalização, ou seja, aquilo que deva ser seguido, pelos sujeitos ideais. Foucault retrata as explicações sobre o jogo em meio a repressão e a liberdade. Isso quer dizer que as inquietações sobre o corpo se dão de modo perspicaz e contínuo, diferentemente das práticas de violência no início da modernidade. De acordo com Vigarello (2010), essa ambiguidade entendida por Foucault entre a sujeição e a libertação, denota a concepção moderna de corpo.

O autor francês Merleau-Ponty (1945/1994), em sua obra *Fenomenologia da Percepção*, demonstra uma crítica ampla e severa à compreensão positivista da percepção por meio da revisão do conceito de sensação, sua semelhança com o corpo e com o movimento. Para ele, num ponto de vista positivista, a ciência considera a percepção como algo independente da sensação, embora a relacione por meio da causalidade de estímulos e respostas. Assim sendo, a percepção é a obra pela qual a consciência abrange um dado objeto, empregando as sensações como instrumento. A teoria da Gestalt oferece uma nova forma de compreender a percepção, em que essa pode ser compreendida por meio da noção de campo, não havendo sensações simples,

nem objetos isolados. Nesse sentido, a percepção não é o conhecimento total do objeto, mas uma interpretação efêmera e inacabada.

Para compreender a percepção no âmbito de Merleau-Ponty (1945/1994), o conhecimento sobre sensação é essencial. As sensações são entendidas no movimento, ou seja, de acordo com o exemplo: “A cor, antes de ser vista, anuncia-se então pela experiência de certa atitude de corpo que só convém a ela e com determinada precisão” (Merleau-Ponty, 1945/1994, p. 284). A percepção pauta-se na atitude corpórea. Essa concepção de sensação altera a noção de percepção proposta pelo pensamento objetivo, instituído no empirismo e no intelectualismo, cuja descrição da percepção advém por meio da causalidade linear estímulo-resposta. Na concepção fenomenológica da percepção a compreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo.

De acordo com Merleau-Ponty (1945/1994, p. 497), faz-se necessário ampliar a experiência do corpo como campo criador de sentidos, isto porque a percepção é um acontecimento da corporeidade e, como tal, da existência. Essa perspectiva apoia-se num ponto basilar, que é o movimento.

Os movimentos acompanham nossa organização perceptiva de mundo. As sensações surgem adjuntas aos movimentos, e cada elemento convida à realização de um gesto, não havendo, pois, representação, mas criação, novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais.

Diante a esses apontamentos, é preciso ampliar a reflexão sobre a função do movimento na teoria da percepção. O movimento não pode ser entendido apenas de forma a modificar a sensação, mas como a demonstração da reorganização do sistema corpóreo como um todo.

Mediante a todas essas informações e contextualizações sobre esse corpo, inferimos que este manuscrito parte de ponderações sobre uma reflexão referente ao corpo exposto esportivo tendo o processo de esportivização como variáveis delineadas. Para tanto lançamos mão de um modesto recorte histórico do esporte como registro de determinados sistemas de representações sociais, que apontam para uma dimensão estética do corpo no processo de esportivização. O fio condutor para isso, parte da compreensão de corpo esportivo como aquele preparado, como Hércules, para as provações da vida (SILVA, 2014). Neste ponto de vista, a indagação sobre os saberes do corpo esportivo ganham a centralidade do olhar por meio das aulas de Educação Física.

Nessa perspectiva precisamos entender que processo de "*escolarização do esporte*" foi permeado por um movimento entre a educação física, os projetos de higienização e militarização sociais promovidos pela ginástica e culto aos corpos. Assim sendo, houve uma absorção desordenada do esporte por parte das escolas brasileiras, a partir da década de 1950, época que coincide com o desenvolvimento das metrópoles, dos grandes centros e a urbanização das pequenas e médias capitais. As aulas de educação física passam a ser "esportivizada", ainda que não hegemonicamente (DANTAS JÚNIOR, 2008).

Assim, pode-se contextualizar o esporte na sociedade contemporânea como uma parte importante da vida pública por meio de representações e mitologias diversas construídas ao longo do século XX. Isso pode ser desvelado posteriormente à criação dos Esportes Modernos e, conseqüentemente, dos Jogos Olímpicos, os quais foram reeditados pelo Barão Pierre de Coubertin, em 1896.

Idealizador desses grandes eventos, como os Jogos Olímpicos e a Copa Mundial de Futebol, Barão Pierre de Coubertin incentivou inúmeros encontros e manifestações populacionais que, de certa forma, ditam alguns ritmos tanto ao coletivo quanto individual da sociedade daquele tempo. Entretanto ao considerarmos os momentos atuais, as reações das pessoas frente aos eventos esportivos possuem uma relação similar ao que ocorria naquela circunstância.

Perfazendo a vida cotidiana das pessoas, seja de forma direta ou indireta, contemplando um quadro quase de hipnose da plateia expectadora que comparece aos estádios ou arenas, diante ao suor que escorre no corpo atlético devido ao esforço realizado ou mesmo pelos noticiários dos meios de comunicação e midiáticos que evidenciam os corpos esculturais dos esportistas, estudiosos vêm se debruçando sobre as configurações sociais e individuais provocadas pelo esporte como fenômeno de massa, principalmente a percepção do corpo esportivo exposto (SILVA, 2014).

Nesse ensejo, encontra-se o processo de "*esportivização*", que constitui um substancial acesso ao esporte, principalmente nas aulas de educação física, contemplando desde conteúdos escolarizados a conteúdos específicos, no intuito de gerar uma nova forma de organizar os conhecimentos, os espaços, tempos e relações sociais dentro e fora da escola.

Essa contextualização histórica da esportivização é de extrema relevância na compreensão da lógica do processo, pois os estudos de História da Educação Física se dedicaram a entender o processo de esportivização da Educação Física no Brasil. No

entanto, nosso enfoque nas linhas subsequentes está no entender sobre o corpo exposto no processo de esportivização.

Verifica-se que o esporte possui ampla penetração na sociedade brasileira desde fins do século XIX. A escola tornou-se um espaço contribuinte à sua disseminação e pedagogização em torno de distintos projetos educacionais, como os católicos, protestantes, e outros. Entretanto, o processo de esportivização foi situado pelos historiadores desse tema como originado no pós-2ª Guerra, como o objetivo de formar recursos humanos para o mercado de trabalho, otimizando sua lógica interna à medida que preparava os jovens para naturalizarem a concorrência e a competitividade.

Já as análises históricas em torno da esportivização, na segunda metade do século XX, perceberam uma sobreposição entre política educacional e política para o esporte que dissolveram as fronteiras desses domínios, legitimando interesses, conflitando com outros e atropelando a cultura escolar. A lógica política da esportivização assentava-se na garantia dos "direitos sociais", dentre os quais se localizavam a educação e o esporte (DANTAS JÚNIOR, 2008).

O esporte em si, com toda sua gama de particularidades, é um fenômeno que promove maneiras educativas específicas que refletem, de certo modo, estruturas e encontros sociais inusitados. Complacente por contribuir com o presente debate sobre o tema do corpo e esportivização, o esporte constitui um dos aportes culturais para uma perspectiva de formação social, ao fomentar reflexões sobre a sociedade, focando em algumas das lógicas que a move no século XXI. Estamos tratando, de certa forma, de um fenômeno social que atravessou todo o século XX e, no século XXI, representa um movimento político, social, esportivo, imbuído de simbologia e de finalidades.

Para Hobsbawm, o século vinte é demarcado pela a revolução da ciência e da tecnologia, o que segundo o autor:

[...] transformou antigas maneiras de ganhar a vida antes de destruí-las, da sociedade do consumo de massa gerada ela explosão do potencial das economias ocidentais, e da decisiva entrada das massas na cena política como consumidores e eleitores (HOBSBAWM, 2013, p. 13).

Neste período, o fenômeno se globaliza. Para o autor, este momento constitui-se como historicamente inédito, pois nesse ensejo, a vida está imersa em experiências universais, devido ao desenvolvimento de uma economia técnica e industrializada, abundantes e preenchidas de informação e produção cultural, como as memória, imagens, dialetos, e simbologias.

Os grandes eventos, como os Jogos Olímpicos e Copa do Mundo localizam-se em um pano de fundo, configurando-se como um escopo referencial construído coletivamente e no qual encaixamos nossas próprias experiências, como um conjunto de referências históricas contemporâneas, num fenômeno social globalizado.

A história do tempo contemporâneo expressa a conjectura de que não devemos analisar somente a história do mundo que se realiza. Este estudo do tempo presente traz como pontos de convergência as falas, gestos e expressões do corpo esportivo de esportistas de alto rendimento. Diante a esses argumentos, pode-se inferir que o esporte em si, em especial os grandes eventos esportivos, denotam um intervalo na sociedade, que promove o encontro de desconhecidos num processo de expectadores e comentaristas de jogos e competições por diversos meios, seja ao vivo, na televisão, na internet, entre outros.

Mediante a esse encontro, numa organização e lógica social, incide uma promoção de relação de trégua momentânea de povos em conflito, como um atestado de suspensão da subversão humana. Os grandes eventos, entretanto, por um tempo determinado e limitado, estabelecem a lógica social ao ponto de cessar momentaneamente conflitos entre povos (SILVA, 2014).

O esporte também, de forma singular, possui outra roupagem, sendo essa mais singela, porém constitui um preenchimento da vida social de inúmeras pessoas, pois ao observarmos os finais de semana, identificamos que por meio da prática esportiva, seja para o lazer, seja pelas caminhadas, ciclismo, passeios de skate, patins, de vela ou bicicleta, ou mesmo futebol como prática de lazer, ocorre uma interação popular.

Antropólogos e historiadores ressaltam a relatividade das modernas representações ocidentais, dominadas em especial pela visão médica, que legitima e compreende o corpo por sua mecânica e pela construção anatômica, e tem estimulado reflexões sobre a o aspecto simbólico do corpo, conseqüentemente, do corpo esportivo. A autora Silva (2009), ao explanar sobre as questões médicas no corpo, alega que há um intenso aumento da probabilidade de intervenção nos corpos por diferentes maneiras, como por exemplo:

[...] da cultura da droga, da absorção massiva de esteróides e seus efeitos fisiológicos, ou, por outro lado, pelo remodelamento corporal por meio de intervenções cirúrgicas, com apliques e retirada dos pontos selecionados, apreciados ora pequenos, ora grandes demais para os ditames da moda. (SILVA, 2009, p. 39).

Na contemporaneidade, o esporte adquire uma configuração ímpar, ao tempo em que desvela os corpos. E, apesar das características corporais serem diferentes, no sentido do modelar dos corpos e das silhuetas variadas e até mesmo antagônicas, se analisarmos a amplitude de modalidades esportivas, ainda se incide a predominância da simbologia do corpo ideal ou idealizado.

Os esportes apresentam uma heterogeneidade corporal significativa, amplamente vinculada às modalidades esportivas e as características e exigências de cada uma delas, como os aspectos técnicos força, velocidade, explosão, altura, flexibilidade, dentre outros. Este corpo idealizado e valorizado é acolhido em múltiplos ambientes como academia de ginástica, estádios, complexos esportivos, salas de musculação, parques, praias, dentre outros.

Esta cisão parece caracterizar a sociedade atual refletida, no mundo ocidental, em espaços sociais de cruzamento entre as pessoas, denominado por Marc Augé (2003) de entroncamento de lugares. Nestes espaços, percebemos esse distanciamento e mal estar com o corpo do outro, conforme expõe Le Breton (2011) onde “o metrô, o ônibus, o trem, o elevador, a sala de espera são as ilustrações proeminentes do distanciamento que atingiu o corpo e do mal-estar que nasce do contato físico que nada simboliza” (LE BRETON, 2011, p. 210).

E, posto que o crescente ampliar dos encontros, dos lugares percorridos diariamente pelo corpo esportivo, a esportivação da vida social, no tempo em que atenuou algumas diferenças antes muito demarcadas no que se refere ao corpo esportivo, culminou na permanência do “apagamento ritualizado das manifestações somáticas” individuais, autônomas, do sujeito histórico. O corpo e seu estranhamento ao outro, ao corpo do outro desvela o distanciamento entre a forma utilizada para se escamotear reações advindas deste contato físico, pelo corpo que trabalha, que encosta ou bate no outro.

O corpo real, no que ele tem de mais sensível, mais carnal, pode ser acrescido da questão sobre o que podemos denominar de "corpo ideal", isto é, o conjunto de representações do corpo de uma dada sociedade. O corpo idealizado nos chama atenção no que condiz ao panorama dessas reproduções, ou seja, não é simplesmente um imaginário mental em que há a evolução do indivíduo de carne e sangue, mas condicionada pelos valores que estão por trás de muitas práticas mais comuns.

Vigarello (2009) elege algumas características solicitadas desde as primeiras práticas esportivas para o corpo esportivo, baseadas na força, na coragem e na

dominação, apoiando na ideia de que todas essas características serviriam para evocar as qualidades do ser humano objetivando a perfeição. O universo esportivo é imbuído de uma suposta superioridade almejada socialmente.

Nesta conjuntura, se estabeleceu como o cerne da excelência o que a cultura do século XX compreende como viril na educação esportiva (VIGARELLO, 2013). O corpo forte, potente, em todo ambiente e circunstância e, em especial, na expressão social do corpo esportivo é admirado e exposto como sendo o corpo ideal, valorizado pelos meios de comunicação, expostos em bancas de jornais, programas televisivos, redes sociais, dentre outros. Não obstante, são invejados, não importando a condição individual de idade, habilidade, sexo, porte e compleição física.

Assim, educado para ser otimizado para a produção, o corpo esportivizado assume então uma face possível de ser quantificada, mensurada.

O corpo perde aí seus velhos encantos para um novo regime de imagens: aquelas que privilegiam as leis da física hidráulica, a lei dos líquidos e dos choques, a força do sopro do vento, o sistema das engrenagens ou das alavancas (CORBIN, COURTINE e VIGARELLO, 2010, p.08).

O esporte atualmente tornou-se uma marca universal do mundo globalizado, apontando tanto para uma sinalização de uma necessidade física, quanto para um padrão cultural do mundo contemporâneo. E o corpo esportivo evidencia, potencializa e denota maneiras de existir, de tratar e ver esse corpo, principalmente no que tange a imagem do corpo esportivo, como sendo o corpo veloz, forte, dinâmico, competitivo, respondente de forma similar, às exigências impostas pela sociedade capitalista.

O corpo esportivo de alto rendimento, treinado física, técnica e taticamente, com preparações cada vez mais monitoradas e especializadas pelo saber científico, conduz e leva a um modelo corporal que se adapte à modalidades esportivas específicas, encarnadas em espectros corporais. Um modelo de corpo e de rendimento que muitas vezes, que predispõem ao doping, já que as normas atribuídas a perfeição do corpo esportivo são cada vez mais, humanamente inatingíveis. O corpo idealizado tem que ser “dopado” para galgar o pódio (SILVA, 2014).

Nessa observação, destaca-se uma ponderação dicotômica, como, de um lado o corpo que ganha expressividade, sendo o corpo esportivo, atlético, forte, sarado, “perfeito”. E do outro, aquele que legitima o corpo flagelado, violentado por padrões e formas de modelação, de normatização e de controle inconcebível em tempos anteriores.

Esse escandalizar em torno da utilização dos corpos esportivos como vitrines de um ideal corporal pretendido, parece tentar preencher uma larga margem dessa exposição desejável para a indesejável, até o esquadrinamento e violação desse corpo, das mais variadas formas, como a exigência de constatação de sexualidade, a verificação de drogas no corpo esportivo pelo controle antidoping, dentre outros.

A leitura que se pode fazer destes corpos na contemporaneidade, ancorado socialmente, são de corpos espetaculares, apresentado de uma forma exemplar nas mais variadas formas e biotipos, próprias de cada modalidade esportiva, bem como de suas requisições específicas.

Os belos corpos dos esportistas são também muito admirados, desejados e contemplados por pessoas reais, e também pelos meios de comunicação, pois há certo endeusamento da beleza e perfeição física desses corpos como sendo por si só, um prêmio palpável. O desenvolvimento tecnológico aliado à globalização da forma esportiva de ser do corpo esportivo nos apresenta um espaço valorativo de vitórias, recordes, e obtenção dos objetivos com eficiência, muito explorado pelos meios de comunicação, como outro, oculto, camuflado, que abrange tanto o negócio que o segue, como os danos dele decorrentes.

Para Rubio (2004), que ao pesquisar sobre o atleta e a instituição esportiva, percebeu posteriormente que esses atletas detentores de corpos apreciados, fazem parte de um legado histórico vivencial. A autora retrata sobre toda uma mobilização que perfaz um grande evento, assim como os corpos inseridos nessa seara. Para ela o esportista é resultado da transformação pela qual o homem vem atravessando desde o início das civilizações. Nessa perspectiva, pode-se pensar que aquele que veio do nada, teve que lutar por meio dos seus corpos para conquistar seu espaço. A inteligência, os músculos e os nervos guiam-no para, de transformação em transformação, atingir este magnífico estágio de aperfeiçoamento que tanto valoriza e distingue a espécie humana. E na busca incessante de um aperfeiçoamento cada vez mais auspicioso, os corpos permanecem lutando, derivando a força de seus músculos em busca de um padrão biologicamente uniforme. Nessa conjectura, é correto afirmar que, atualmente, o cenário é outro. Mas a luta do homem persiste, para estar sempre preparado para o constante desafio da vida. O esporte na sociedade entra, então, como um elemento de equilíbrio no conflito resultante dessa contingência. (RUBIO, 2004)

O esporte de alto rendimento, nesse processo, ganha relevância e, de certa maneira, incide na ampliação da imagem do corpo esportivo e do esporte espetáculo. A

imagem do corpo esportivo exposto passa a ser proeminente na construção social atual, sendo demonstrado pela mídia, numa configuração de espetáculo e vitórias.

O paradoxo que se deseja apontar com essas reflexões sobre a tensão do corpo esportivo exposto, é ponderar sobre esse, que ora denota a importância do corpo como sujeito, na sua completude, íntegro, integral, e ora considera esse corpo esportivo como objeto, na busca constante por modelos de corpos propostos, idealizados, impostos e requisitados pela sociedade contemporânea. Os corpos esportivos, atléticos estão permeados de romantismos que os ligam a carreiras bem sucedidas, transformando-os em celebridades, e colocando-os em patamares de perfeição para os espectadores pasmados ao espetáculo proposto.

Os saberes do corpo esportivo sustenta uma concepção romântica de sucesso para a população comum, que não consegue os índices definidos como ideais, perfeitos, mas que nutrem uma aspiração, como espectadores, do espetáculo da vida perfeita e feliz. Nessa acepção, encontram-se os corpos vivos e vividos dos esportistas, frutos de um processo de esportivização consequente de uma ampliação de exigências da sociedade contemporânea.

Como o escopo desse ensaio é uma apresentação com um enfoque reflexivo, podemos lançar mão à seguinte indagação: como o corpo esportivo exposto é exposto? Podemos inferir que essa exposição é permeada por excessos; pelos esforços sobre-humanos, que em algumas situações são destituídos de singularidade e subjetividade. Que é embebida de uma área exploratória de pesquisas e inovação tecnológica que engendra uma objetivação ou coisificação dos corpos, que muitas vezes são manipulados com vistas à melhoria artificial do desempenho esportivo. Que predispõe uma exposição que contempla uma mistura do corpo exorbitante com o flagelo, do enxuto com o erótico, das alterações provocadas por diversas formas que deixam o corpo em um estado de permanente mutação, construção, reconstrução, e que ao mesmo tempo, são corpos tão belos, viris, impregnados de expectativa.

Referências

BAKHTIN, M./ VOLOCHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13.ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João, 2010b.

CORBIN, A., COURTINE, J.J. e VIGARELLO, G.(org). **História do Corpo**: da renascença às luzes. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

DANTAS JUNIOR, H. S. A esportivização da educação física no século do espetáculo: reflexões historiográficas. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 29, p. 215- 232, mar. 2008.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.L.; RABINOW, P. **Michel Foucault – uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad.Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995. p. 231-249.

HOBSBAWM, Eric J. **Tempos fraturados**: cultura e sociedade do século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Trad. Sonia M. S. Fuhrmann. 4.ed.Petrópolis: Vozes, 2010.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

MARINHO, V. M.. **O esporte pode tudo**. Sao Paulo: Cortez, 2010.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção** (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1945). 1994.

RUBIO, K. **Heróis olímpicos brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004.

SILVA, M. C. P. Saberes e sabores do corpo esportivo no tempo presente: imagens e reflexos do esporte olímpico. **Rev. ARQUIVOS em MOVIMENTO**, Rio de Janeiro, Edição Especial, v.10, n.1, p.138-154, jan/jun 2014.

SILVA, M. C. P. **Do corpo objeto ao sujeito histórico**: perspectivas do corpo na história da educação brasileira. Salvador, BA: EDUFBA, 2009.

VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, G. **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. 3 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2009. (p. 197 - 250).

VIGARELLO, Georges. Estádios – o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, G. **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. 3 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2009. (p. 445 - 480).

VIGARELLO, G. Introdução. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELLO, G. (org.). **História do Corpo**: da renascença às luzes. Trad. Lúcia M. E. Orth. v.1. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 15-18.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean

Jacques; VIGARELLO, G. **História da virilidade**: a virilidade em crise? Séculos XXXXI. Petropolis, RJ: Vozes, 2013. (p. 269 - 301).